



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa—PORTUGAL

Ind. telegr. Talha—Lisboa • Telefone: 19

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# QUEM MENTE?

Se não estivéssemos acostumados, pela força do hábito, a assistir neste país aos acontecimentos mais inverosímeis, como se fossem os mais naturais, surpreender-nos-ia a audácia com que publicamente — em nota oficial, para ter mais relvô — se veio desmentir uma autêntica informação que vários jornais publicaram relativa ao estabelecimento da censura a três diários de Lisboa, assunto de que *A Batalha*, que é uma das gazetas alvejadas, se tem ocupado desenvolvidamente.

Atendendo, porém, a que vivemos num país em que a anomalia é a regra, é preciso que os sucessos sejam muito extraordinários para que no nosso espírito produzam uma sensação de pasmo, tal a assombrosa frequência com que se assiste à prática dos actos mais incongruentes, que raro provocam hoje admiração, por serem tudo quanto há de mais correntio.

E' que a falta de carácter é em tão alto grau que o que ora causa estranheza é que existam ainda criaturas que possuam tamanha força moral que se não deixem subverter pela formidável onda da lama que invadiu esta sociedade, já corrompida até à medula.

E é talvez por o actual estado político da maior parte da população portuguesa ser como vimos descrevendo que aquela nota oficial que há dias saiu da polícia de segurança do Estado, e com a qual se pretendeu desmentir o que aqui expuzemos, quasi não impressionou o público. E todavia este compreende que foi ludibriado com semelhante desmentido, que a fraudável exposição que fizemos no nosso número de quinta-feira annula inteiramente, e que os factos, por outro lado, se encarregam de reduzir a pó.

A polícia de segurança do Estado, vindo a público asseverar que não exerce a censura sobre alguns jornais de Lisboa, faltou lastimavelmente à verdade, e com semelhante atitude, em vez de nos colocar mal perante a opinião, procedeu desastrosamente, dando uma triste nota da sua capacidade.

Não compreendeu o autor da nota oficial que para que as suas expressões correspondessem à verdade teriamos nós mentido, e nesta tribuna há bastante nobreza para não esgrimir a calúnia como arma de combate, porque se pro-

cedéssemos desse modo imitaríamos os políticos profissionais, fazendo-nos portanto a autoridade moral para os condenar.

Para que a sua versão fosse a verdadeira teriamos inventado o *ukase* que publicámos no nosso número de quinta-feira, e que no dia anterior, pelas 18 horas, nos foi entregue, no gabinete da polícia de segurança do Estado, por um funcionário superior daquela polícia, que facilmente indicaremos, sendo preciso. Não viu, além disso, que teriamos inventado igualmente a singular nota de intimação que assinámos, momentos antes, nesta officina, cuja cópia, que naquele mesmo número inserimos, aqui nos foi deixada pelo agente que veio fazer-nos a intimação e que assinou o papel, criatura que vimos aliás pela primeira vez.

Para que o autor da refutada nota oficial tivesse falado verdade mister seria que nós tivéssemos inventado os próprios papéis que estampámos na *Batalha* e que arquivamos, podendo ser examinados por quem almente dadas, se é que há alguém que duvide da veracidade do que afirmamos aqui e que repetiremos, como homens duma só cara, em toda a parte onde seja necessário mostrar que a polícia de segurança falta à verdade.

Mas não basta isto para provar que a citada policia exerce a censura, embora arbitrariamente, sobre *A Batalha* e alguns outros jornais, não todos os que se publicam em Lisboa?

Quem manda buscar então, diariamente, por policias, à officina onde este jornal é impresso, um exemplar de *A Batalha*? Quem o lê no governo civil e para que se lê? Porque é que se procede igualmente para com outros jornais, que do mesmo modo não deixam imprimir enquanto no governo civil não são censurados?

Senhores: Não neguem a evidência dos factos, que isso não é decente! Persigam, censurem, aprendam, se isso lhes apraz, a imprensa, embora cometendo uma violência que faz mais mal às instituições do que aos jornais atingidos. Mas tenham a ombreira de assumir a responsabilidade inteira dos seus actos, como fazem todos os homens briosos.

## A LUTA SOCIAL

Os socialistas franceses opor-se-ão a uma guerra contra os Sovietes

PARIS, 22.—*L'Humanité*, órgão oficial do partido socialista francês, protesta veementemente contra os termos da declaração ministerial referente à questão da Polónia e afirma que os socialistas se opõem com todas as suas forças e por todos os meios de que dispõem a uma guerra contra-revolucionária.

É possível que neste momento já Varsóvia esteja tomada

LONDRES, 22.—O correspondente militar do *Daily Telegraph*, em Varsóvia, telegraphou o seguinte:

O Conselho da Defesa Nacional, depois de discutir largamente a resposta do governo bolchevista, depositou por unanimidade a sua confiança no Chefe do Estado e decidiu concentrar todas as forças da nação na linha ferroviária de Brest-Litovsk e Bielostock.

Este movimento tem por objecto dar uma batalha decisiva contra os bolchevistas.

Se embargo, a rapidez com que avançam as tropas vermelhas compromete esta concentração, pois o inimigo atravessou já o Níger e ocupou, sem dilata alguma, Grodno.

O correspondente acrescenta ainda: «A hora em que receberem estas linhas saber-se-á já o destino de Varsóvia».

Se os polacos conseguirem concentrar-se e combater, há uma grande probabilidade de obterem uma vitória; mas se continúa a sua retirada, decidirá-se a sorte da capital da Polónia.

15.000 metalúrgicos em greve

BILBAU, 25.—A greve que se declarou há dias, na qual existem 15.000 operários metalúrgicos, colheu de surpresa os engenheiros dos altos fornos. Foram ocasionados graves prejuizos materiais, tendo trabalhado unicamente um reduzido número de operários. Foram atacados à saída a partir pelos grevistas. O governador confia que este conflito seja solucionado rapidamente.

## Na Alemanha

Kopp diz que os russos não invadem o território alemão

BERLIM, 24.—O representante dos soviets da Rússia, Kopp, entrevistado sobre o fado perigo da invasão bolchevista, no leste da Prússia, declarou que os soviets da Rússia não invadiriam o território alemão pois não queriam hostilizar um país com o qual desejam manter estreitas relações económicas.

O leste da Prússia não foi ameaçado pela Rússia depois da Lituânia, a qual foi evacuada, e esse caminho que era o melhor na direcção da Alemanha foi evacuado; isto prova as amáveis intenções do governo dos soviets. —*Rádio*.

Numerosos combates na Irlanda

Os «sin-feiners» incendiam um convento que servia de quartel aos adversários

LONDRES, 25.—A revolta de Belfast continuou durante todo o dia e noite de quinta-feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de cem.

Os combates travados durante o dia de ontem foram dos mais ferozes. Descargas sobre descargas se sucediam ininterruptamente, ora dadas pelos «sin-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece com precisão. Um convento situado cerca da estrada e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edificio numerosas latas de kerosino (líquido inflamável semelhante à gasolina) derramadas e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edificio que desapareceu por completo na voragem do incendio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A policia alega que os «sin-feiners» empregam balas explosivas, mas alguns dos agentes falecidos estavam «brutalmente mutilados». —*Rádio*.

25.000 metalúrgicos em greve

BILBAU, 25.—A greve que se declarou há dias, na qual existem 15.000 operários metalúrgicos, colheu de surpresa os engenheiros dos altos fornos. Foram ocasionados graves prejuizos materiais, tendo trabalhado unicamente um reduzido número de operários. Foram atacados à saída a partir pelos grevistas. O governador confia que este conflito seja solucionado rapidamente.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Uma nova lista de donativos publicamos hoje, de auxilio à *Batalha*, que mais uma vez vem comprovar que o operariado compreende a necessidade da existência do seu órgão na imprensa.

Assim, as provas de solidariedade sucedem-se e com certeza que essa solidariedade mais se intensificará à medida que as classes operárias forem reconhecendo das dificuldades com que vamos lutando. Não se tem elas negado a concorrer monetariamente, o que é motivo para nos animar no prosseguimento desta missão tão nobre como escabrosa.

Publicamos a seguir mais um lista:

Transporte.....	7.178\$15
Obra na quinta das Conchas ao Lumiar.....	1\$65
Associação dos Manicoutores de Calçado (cotização).....	24\$95
Abílio Graça Andrade.....	1\$00
Um amigo.....	1\$00
Abílio Palácio (Coimbra).....	2\$50
Gilberto Ramos, Manuel Lial e Manuel Ramos.....	\$60
Carlos Mota.....	1\$00
3 presos no Barreiro.....	2\$00
Recita em Torres Novas (saldo de auxilio para <i>A Batalha</i> ).....	32\$85
Oliveira.....	\$63
Sindicato Unico da Construção Civil.....	100\$00
Obra da Morgue (operários do Conselho Técnico).....	1\$45
Idem, idem.....	1\$20
C. A. A. A.....	1\$50
Recita no Barreiro (50 % do saldo).....	32\$53
Quete em Azurara.....	1\$25
Cota semanal de 4 operários do Bombarral.....	2\$00
Ferrovários do Sul e Sueste (cotização).....	80\$20
Associação dos Corticeiros do Barreiro (4 quotas).....	20\$00
Idem, idem (cota).....	14\$75
Jose Rosita.....	3\$00
Quete em Odemira (Lista n.º 1).....	25\$00
Pro J. Rodrigues Reboredo.....	10\$00
Maximiano Pinheiro.....	\$20
Sindicato Metalúrgico do Porto (queto).....	9\$50
Sindicato Ferroviário (queto).....	7\$80
Associação dos Descarregadores de Mar e Terra.....	20\$00
Joaquim Tomé Lopes.....	2\$00
Anónimo.....	\$18
Manuel S. Cuba.....	\$20
Manuel Trindade.....	\$50
Antero Fernandes.....	\$30
Grupo Nova Aurora E. N. Liquidação de contas, saldo em auxilio de <i>A Batalha</i> .....	12\$00
Quete entre os operários da Fábrica Grandela.....	9\$50
7 pintores a bordo do vapor <i>Apolo</i> .....	3\$50
Quete na officina de Fiuz & Simões.....	5\$40
Quete na officina Abel Limitada.....	4\$00
Corticeiros da fábrica Seixas.....	6\$05
Soma.....	7.619\$56

Lista n.º 1.—Hermenegildo de Cast e Costa, 1\$00; Anónimo, 2\$01; Jacinto de Campos, 3\$01; Francisco Gaihapenco, 2\$01; Francisco Manuel de Campos, 2\$01; Camacho, 2\$01; J. A. M., 2\$01; António Camacho, 1\$01; Martinho Duarte de Almeida, 1\$01; Marcelino de Sousa Barros, 2\$01; Francisco Paulo, 5\$00; Luiz Ferreira da Silva, 5\$00; Pela República dos Sovietes (um visitante), 2\$01; Pela República dos Sovietes (Isidoro Correia), 2\$01; Paulo Joaquim Pinto, 2\$01; Lázaro Ferro, 2\$01; Joaquim Pinto da Silva, 2\$01; António Manuel da Silva, 2\$01; Francisco Elgion, 2\$01; António de Matos, 2\$01; Francisco José Damásio, 2\$01; Anónimo, 2\$01; Francisco de Sousa Barros, 1\$01; Manoel José da Cruz, 2\$01; João Carlos Fernandes, 2\$01; Zacarias, 2\$01; Augusto José Domingos, 2\$01; Jo. de, 2\$01; José Marreiros, 2\$01; Manuel Maria Malhado, 2\$01; António Dimes de Oliveira, 2\$01; José Camacho Bolas, 2\$01; Domingos Silveira, 2\$01; António Amaro de Matos, 2\$01; Augusto Baptista Serião, 2\$01; António Manuel, 2\$01; Hermenegildo da Costa e Cruz, 2\$01. Total 25\$00.

## Reclamações corporativas

Condutores de carroças

Na sua reunião de ontem foi votada uma proposta da direcção, para que se peca aos proprietários o seguinte aumento de salário:

5500 para condutores de galeras, 4570 para os de carroças baixas e carreiros e 4550 para os de carroças pequenas.

Para esse efeito vai ser enviada uma circular aos proprietários, cuja resposta deve ser dada no prazo de 8 dias e em caso negativo proclamar-se-á a greve.

Também foi apreciado o movimento das camaradas chauffeurs aos quais foi dado todo o apoio moral.

Calafates e carpinteiros navais

Reuniram ontem, em assembleia geral mixta, os operários calafates e carpinteiros navais, para tratarem da sua situação económica perante o actual custo da vida, que cada vez está mais agravado. Depois de ser devidamente apreciado o assunto, foi resolvido que a partir do próximo dia 1.º de Agosto, os seus salários sejam de 6850 e 7550.

A Polónia branca

Chama mais cinco classes para atacar os vermelhos

PARIS, 25.—Segundo uma informação de Varsóvia, publicada pelo *Temps*, o conselho de Defesa Nacional continua a tomar medidas rigorosas a fim de reforçar a frente de batalha. Um decreto chama às fileiras cinco novas classes. Por unanimidade o conselho resolveu exprimir ao marechal Pilsudskison a sua absoluta confiança. —*Rádio*.

# ESTABELECEDO A VERDADE

## O que vale a grande alavanca do progresso

Nestes últimos dias tem alguns jornais feito uma verdadeira propaganda de descrédito contra o Sindicalismo, servindo-se provavelmente de informações que a policia lhes envia, sem terem o cuidado de verificar se essas informações possuem tanto fundamento como a nota na qual se dizia nunca ter havido censura para uma parte da imprensa.

E' um combate desilal o que a sociedade burguesa está movendo contra o Sindicalismo, tanto por intermédio dos seus jornais, cuja probidade é uma verdade, quanto por intermédio dos jornais que roubam o povo, como ainda por intermédio das autoridades que não se importam de se servir desses jornais para, pouco a pouco, convencerem o público de que o Sindicalismo é uma teoria de João Brandão e os seus adeptos malfeteiros vulgares.

A morte do dr. Pedro de Matos tem sido um belo motivo para se tirarem conclusões estafuradas, que não resistam a um exame sério. Pretende-se condenar com elas uma ideia. Não é, porém, pelos desvarios naturais que uma ideia de opposição pode causar, que se deve julgar uma fórmula política ou social. Se assim fosse, os gestos de Buíça e de Costa, condenariam a república. Mas, pelo contrário, os republicanos tem afirmado que este regime se deve a esses actos, que se classificam de heroicos.

Não pretendemos, nem nunca o fizemos, discutir esses gestos que nasceram geralmente do meio que os cerca. Condenamos a república, mas para a condenar nunca fomos citar os actos dos regicidas.

Portanto, o Sindicalismo não pode de maneira alguma ser apresentado ao povo como uma teoria de homicídio. A actual sociedade é que provoca crimes, com as suas perseguições. Nós, portanto, que condenamos a morte violenta não criticamos o que a pratica, mas sim a sociedade que a tais extremos o arrasta. Condenamos a sociedade burguesa porque odiamos a morte e amamos a vida, porque odiamos a escravidão e amamos a liberdade.

O assassino do dr. Pedro de Matos ainda não foi descoberto, nem tem pouco os seus cúmplices. Não é a primeira vez que aqui o afirmamos. E se o afirmamos é por saber que os indivíduos presos foram obrigados à pancada a dizer o que a policia, na sua febre de mostrar que presta grandes serviços, muito bem entendeu. Pela coacção pode-se levar um homem a dizer tudo, a negar a verdade, a mentir.

Parece haver da parte da policia uma imperiosa vontade de cometer erros, no intuito talvez de vingar o juiz cuja morte nós, como todo o que vive, lamentamos. Mas, vítimas para quê?

Que moral é essa que para castigar um erro manda praticar dezenas de erros?

O ideal perfeito da sociedade é aquele onde menos crimes se praticam. Portanto não é condenável uma sociedade que a propósito dum crime pratica mais crimes ainda?

Depois de, sem provas, terem proclamado a culpabilidade de alguns presos pretendem ainda lançar sobre um deles, João Ferreira, a responsabilidade do lançamento duma bomba... que no fim de contas nunca existiu.

Ainda anteontem o *Diário de Notícias* publicou sobre o caso relato a letra: gordas; com o retrato do pseudo criminoso.

Tal bomba ninguém a ouviu estalar, como se pôde verificar interrogando a vizinhança. A propósito transcrevemos o relato que a *Batalha* de 26 de Março deste an. publicou. El-lo:

«Sobre os acontecimentos passados na rua do Benfornoso, escreveu-nos o sr. José Baptista, dizendo-nos que o indivíduo preso, Júlio de Almeida Baptista, acusado de ter lançado uma bomba sobre a força publica, é simplesmente vítima do odio politico de três afonistas, pois que ninguém dos sitios do Terreirinho ou do Benfornoso ouviu estalar a tal bomba de que a imprensa de grande circulação se fez eco, facto que todos os moradores e comerciantes das referidas ruas estão prontos a atestá-lo, pois a existência de tal bomba é pura mentira».

Volta-se novamente, na policia, é claro, a dizer que a bomba estourou e portanto necessário foi arranjar-se também quem a lançasse. Arranjou-se, pois, João Ferreira.

O caso vai pouco a pouco entrando nos domínios do ridículo. Não pretendemos no entanto, rir das cousas sérias. Limitamo-nos a comentar, a fazer ressaltar as contradições de tudo isto, que se vai tornando num verdadeiro *film policia* por séries à guisa das fitas americanas que no *cinéma* do Olimpia, se exibem.

Ultimamente, isto é, as últimas séries, começaram a tornar-se mais interessantes: mas tam ilógicas, tam incoerentes e mal-amanhadas, como aquelas novelas tenebrosas, onde o personagem Sherlock Holmes, conseguiu voltar do avesso os miolos de morte, e parece tam bem o da policia.

A Sherlock-mania começou a infiltrar-se na psicologia de alguns dos agentes lisboetas. Daí o ter-se descoberto um *terível complot* que devia resultar a morte do sr. Reis Júnior. Dizem uns jornais que o plano fora combinado no Limoeiro, outros dizem que foi no Alto Pinz, numa casa sindical, para outros ainda a policia não chega a ser sincera.

A mina poderá estar em plena laboração dentro de seis meses

Já alguém disse que a quella hulla viria a sair-nos tam cara como a extracção de carvão. Este argumento só pode ser en-

Prenderam então alguns rapazes a quem dizem ter encontrado armas, pois se dispunham a matar no só o dr. Reis Júnior, como José Augusto, Duarte e Gouveia. Informaram-nos, porém, que apenas possuía um revolver. Ora, para matar tanta gente realmente as armas não chegavam. E' ilógico, é contraditório tudo isto.

Apenas queremos manter uma linha imparcial. E examinando os factos a frio, imparcialmente, outra cousa se não vê senão contradição, incoerência.

Assim como nós notamos estas contradições também os outros jornais as poderiam ter notado. Não as notaram porque tem sempre os olhos fechados à verdade, porque accusam sem ter a certeza, sem conhecer a verdade, porque defendendo a actual ordem de cousas, não sabem accusar lealmente, como sempre aqui temos feito, apresentando provas e testemunhas, servem-se apenas da calúnia, da mentira, da falsidade.

Ainda outra contradição, outra mentira descarada. Acusam um dos indivíduos ultimamente presos, que tem o apelido de Ramos, de ter empastelado o tipo da *Capital*. Este periódico, como toda a gente o sabe, nunca sofreu nenhum acto de sabotagem. Os jornais que durante a última greve gráfica o sofreram, foram *A Manhã* e *A Monarchia*. Devemos atender também ao facto de Ramos não ser tipógrafo.

Assim se accusa à toa, ao acaso, talvez por prazer de accusar.

Porém, os factos são suficientemente visíveis para desmentir as cantatas de difamação feitas pelos órgãos burgueses.

E ainda chamam a certa imprensa a alavanca do progresso...

## A mina de Santa Suzana

O sr. Cambournac, entrevistado pelo «Sul e Sueste», diz ser de boa qualidade, aquele carvão

Ainda nada de definitivo se sabe sobre o destino que o Estado dará à mina de carvão de Santa Suzana, em Alcácer do Sal.

Parece que assumos como este, duma importância capital para um país onde não há luz, nem industria, nem dinheiro, não merecem a atenção daqueles que se dizem interessados pela sorte do povo.

Ainda não houve o cuidado de mandar analisar a qualidade do combustível, nem satisfação foi dada ao povo que trabalha e tem falta de tudo. No entanto restabelece-se a censura.

O opinio do sr. Frederico Cambournac, que o *Sul e Sueste*, órgão dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou, elogia-lhe a qualidade.

Damos a seguir alguns períodos mais interessantes da referida entrevista para que o publico melhor possa apreciar a importância do assunto:

«No intuito de bem nos desempenharmos da nossa missão procurámos alguém que sobre este momento assumo nos podesse fornecer, com rigor e exactidão, os primeiros elementos para o inicio desta campanha».

No engenheiro sr. Frederico Cambournac, sub-director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, encontramos o mais amavel acolhimento quando a sua ex.ª nos dirigimos solicitando-lhe algumas informações que podessemos transmitir à classe ferroviária e ao publico e que duma maneira completa pudessem elucidar uma e outra sobre as possibilidades de extracção do carvão de St.ª Suzana e veracidade das informações já publicadas pela imprensa diaria.

O sr. Cambournac, que foi o engenheiro oficialmente encarregado pelo governo de proceder à investigação sobre a qualidade do carvão, praticabilidade da sua extracção e meios de transporte, accedendo ao nosso pedido.

«A imprensa já me attribui afirmações que não fiz e que as não desminto por reconhecer o intuito com que as escrevi».

«Mas — diga-nos v. ex.ª — realmente a mina pode suportar uma extracção de carvão tam elevada como por aí se diz?»

«Pelas informações que o capitaz da mina me prestou, quando ali estive, a serem exactas, o que se constatará logo que se possa proceder a investigações mais completas, a existência de carvão vai a uma distancia de 40 quilómetros e, sendo assim, poder-se-á extrair uns 2 milhões de toneladas».

«Pode-nos dizer alguma coisa sobre...»

«Olhe, aqui tem v. os elementos que colhi e que tive a honra de apresentar ao governo — interrompe-nos o sr. Cambournac apresentando-nos a cópia de um relatório».

Agradecemos e imediatamente nos lançamos sobre ele em procura dos interessantes elementos que ali poderíamos colher e facultar aos nossos leitores».

O engenheiro sr. Cambournac realizou a sua visita à mina no dia 5 de corrente. Topograficamente a sua situação dificulta os transportes em carro, os quais não podem carregar mais de uma tonelada, atingindo o custo de transporte mais de 9500 por tonelada, ate Alcácer!

A mina poderá estar em plena laboração dentro de seis meses

Já alguém disse que a quella hulla viria a sair-nos tam cara como a extracção de carvão. Este argumento só pode ser en-

# A opinião de Kropotkine

## Acérca da Rússia Vermelha

Pedro Kropotkine, habitando actualmente numa cidade perto de Moscov, confiou a um membro da delegação dos trabalhadores ingleses na Rússia, sr. Bonfield, uma carta dirigida aos operários da Gran Bretanha.

A publicação desta carta vem simplesmente esclarecer o que se passa na Rússia. Traduzimo-la do jornal francês *La Bataille*, que não sabemos de onde a traduziu por sua vez. Como sobre a situação da Rússia temos sempre mantido uma linha imparcial, defendendo-a por amor à verdade, quando os reaccionários a querem caluniar, não deixamos de publicar também os pareceres que nos parecem insuspeitos. Kropotkine até hoje é um insuspeito. Será realmente dele a carta? Não será? A isso não podemos responder concretamente. Por isso traduzimos. O facto da república dos soviets nos ser bastante simpática e representar para nós um enorme passo para diante não nos restringe a facilidade de critica.

Preferimos, portanto, o regime dos soviets criticado pelo espirito justo de Kropotkine, do que pelo sectarismo burguez.

Eis a carta:

«A Rússia bolchevista, escreve Kropotkine, quiz restabelecer e continuar a obra da Revolução francesa».

Desgracadamente, este ensaio é interpretado na Rússia sob a ditadura excessivamente centralizada dum partido. A minha opinio é que este ensaio de formar uma república comunista, baseada sobre um comunismo estatista, estritamente centralizado, com um governo de ferro que realiza a ditadura dum partido, na minha opinio é que este ensaio fracassou. Vimos na Rússia que o comunismo não pode ser introduzido de esta maneira, apesar da população, enraquecida pela acção do antigo regime, não trazer uma resistência activa às experiências interpretadas pelo novo governo».

A ideia dos soviets, isto é, a dos conselhos de operários e de camponeses, realizados pela primeira vez durante a revolução de 1905 e renovados em março de 1917, imediatamente após a queda do regime tsarista, esta ideia dos conselhos regulando a vida politica e económica do país, é uma grande ideia. Ela traz necessariamente esta outra ideia de conselhos compostos de todos os que tomam uma parte activa na produção das riquezas nacionais pelos seus esforços individuais. Mas tanto que o país está submetido à ditadura dum par-

te, um tal trabalho exige o saber, o esforço e a colaboração voluntária de toda uma massa de forças locais e especializadas, que, sós, poderiam vencer estas múltiplas dificuldades dos problemas económicos, sob os seus aspectos locais.

Afastando esta colaboração e não tendo confiança senão no génio dos ditadores dum partido, destroem-se todas as uniões profissionais operárias e as organizações cooperativas locais e depois de as ter transformado em órgãos burocráticos, dum partido — como se produziu actualmente na Rússia».

# CONTRA A CARESTIA DA VIDA

## A primeira sessao preparatória do movimento promovido pela C. G. T.

Segundo as resoluções tomadas pelo Conselho Confederal da C. G. T., resultantes do parecer apresentado pela comissão contra a carestia da vida, vai este organismo central do proletariado português intensificar a sua acção em todo o país no sentido de se promover um grande movimento nacional de protesto contra a vida cara.

Já que os governos não se incomodam com problema tam importante, que a todos interessa, que a todos diz respeito, antes parece dar uma certa liberdade aos assambradores para continuarem na sua voraz ladroeria, pois nada se tem feito para os meter na ordem, entendeu a C. G. T. encetar uma campanha tendente a levar os poderes constituídos a olhar com mais mais atenção para a miséria em que vive o povo português.

Assim, em todos os sindicatos do país se vão realizar sessões de protesto nesse sentido, tendo otem efectuado a U. S. O. de Lisboa a primeira para a preparação dum grande comicio publico que em breve será levado a efeito, e que esteve concorridissima.

Presidiu o secretário geral da U. S. O., secretariado José dos Santos e Manuel Capelo, respectivamente delegados dos Compositores Tipográficos e Construtores de Macadam.

Exposto pelo presidente o fim da sessão, que é a intensificação dum grande movimento de protesto nacional contra a carestia da vida, tendo o povo ao estado miseravel em que se debate, usaram da palavra António Ferreira, José dos Santos, Augusto Ferreira Lopes, Rui Baptista e Alexandre Assis, delegados à U. S. O.; Carlos Vicente, Palmira da Conceição Sousa, ex-operária dos tabacos, e Fernando Sousa.

Todos os oradores combatem com energia as roubalheiras infames de que tem sido vítima o povo por parte dos exploradores, que medram impunemente, estendendo faustosamente o produto das suas roubalheiras infames como que escarnecendo da miséria daqueles que trabalham; verberam o procedimento dos governantes, que por completo se tem aliado das causas que nos tem levado à fome, deixando impunes os crim



# OS POBRES

Nesta Lisboa, cidade cativa e caixal, refrescada de verdes suburbanos e tinteada de colinas vistosas no azul do Tejo e no azul do céu, poucos são aqueles que, na bailata ofegante da multidão, atentam na dor, naquela dor imensa, que orvalha de lágrimas os olhos dos miseráveis e parte em bocados o coração dos pequenos.

Quando na cutis fina do céu esmorecem as últimas rosas febris do poente, quando nas ruas, a noite de cende e afluência suas mãos trágicas de sombra, entram de entreabrir-se bocanais de mansardas, escancaram-se bocas de valhas, e uma a uma entram de escamur-se, detalhadas a carvão, pintadas a sangue, figuras que não falam, esculturas talhadas em dor, decepadas em amargura, que atravessam as ruas aos ombros e aos ombros caminham e se afastam.

Tem gritos aflitivos de sonho na máscara convulsa.

Marcham devagar, perpassam, ascendem e morrem com bráçades de naufragos na superfície da noite.

As sombras liquefazem-se nas avenidas, e o ar tem gelados de sepulturas e lá no alto o céu é carnaval, "micarê", que sintia confectis de estrelas, irizações poeiras que crepitam em jactos de via-lactea. E a lua, quarto minguante, a lua, é como a máscara cinza de um Pierrot que espreitasse a medo.

Os pobres sobrevivem, trepam ravinas de calvários de amargura, membros torturados como figuras de deserto e mãos tortas de fôrmas, pedaços de dor amarrados aos braços. Mãos convulsas que veem para mim e me abraçam, mãos, grandes mãos de Rodin, que apalpm a noite e revelam o mistério.

Um é cego, fecharam-lhe as palpebras ao nascer. Mas a alma é aurora dos mentes, onde ramos de sonho goteiam cheiros de brancas flores, outro tropeço, peregrino, que vem pela terra demandando a estrada da eternidade, tem o coração humilde como as pedras do caminho que os outros gastam ao passar. São torrentes. São os que sofrem e contem que não podem mais.

Emergem no alto da calçada, arrependidos pelo vento descendente, e os seus mantos, arminhos de trapos, flutuam em grandes ténicas de iluminados.

Enlaçadas duas sombras veem até mim. Ele não vê e julga-a bela, como um bárbaro diadema de cobre e ouro nos cabelos, e ela, que não sabe, crê amar um poeta, avia alada que o eterno clarão do mistério cegou para todo o sempre. Se se extralhasse dos seus corpos a dor ela sairia aos blocos, corria às torres.

A sombra amontoadas em calgens, põe crêpes nos mármore das estatuas, carbunclos na epiderme dos lagos.

# AS GREVES

**Pessoal da Imprensa Nacional**

A comissão de melhoramentos prossegue nas suas demarções, efectuando-se hoje, às 22 horas, a reunião conjunta entre o presidente do ministério, o director da Imprensa e a comissão delegada do pessoal. Este acompanhamento vivo interesse e entusiasmo a marcha do movimento, mostrando-se disposto a não ceder a soluções que afectem a sua honra.

**Pessoal da Casa da Moeda**

Recebemos a seguinte comunicação: «Mantém-se este movimento sempre com a mesma energia.

Camaradas, não desanimem porque o vosso Comité espera que com as demarções que a vossa comissão hoje vai efectuar o nosso movimento seja solucionado. Portanto, é a hora da justiça que se aproxima.

Viva a nossa Batalha! Viva a greve do pessoal da Casa da Moeda. — O Comité.

**Chauffeurs**

Reuniram, às 15 horas, os chauffeurs de camions, nomeando uma comissão para hoje entrevistar os industriais de transportes de camions.

A 20 horas, reuniu a classe em conjunto apreciando a marcha do movimento e tomando decisões, vindo com satisfação que o movimento, no que diz respeito aos chauffeurs de autos particulares, está em véspera de solução, pois que adesões constantemente chegam.

Foi aberta a quete para o cofre de solidariedade, que se nota no jornal *A Batalha*.

Hoje irá uma comissão entrevistar o director da Companhia de Carruagens Lisboense e os proprietários de autos de praça na sua associação.

Hoje reúnem às 17 horas os chauffeurs de praça e aluguer, e às 20 horas a classe em conjunto, sendo de grande utilidade que todos compareçam.

O comité ao ter conhecimento que os chauffeurs da casa Alpha, do Porto, se tinham declarado em greve, resolveu saudá-los entusiasticamente.

**NO PORTO**

A dos sapateiros agrava-se. — Voltam de novo, a greve geral.

Conflitos. — Os metalúrgicos, ramo de ferro, estão firmes e em vésperas de uma vitória.

PORTO, 24. — C. — A greve dos sapateiros, que parecia ir declinando para uma solução honrosa, tornando-se parcial, agravou-se novamente. Verificou-se que alguns operários, pouco zelosos no cumprimento dos seus deveres de solidariedade, se aproveitavam do carão de identidade passado pelo sindicato, a fim de trabalharem, quer nas oficinas sindicais, quer nas casas que cedem as reclamações, para executar as obras pelo preço antigo, contra o determinado pelas reuniões da classe. E alguns, fugindo ao compromisso, pretendiam recusar-se à cedência do escudo por salário, para auxílio dos seus colegas, conforme o resolvido. É certo que o número destes maus colegas não era muito avultado; mas como era uma mau precedente, e poderia influir

# Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

**Professores de Ensino Particular.** — Reuniu ontem a assembleia geral para tratar da última reforma de ensino primário.

Depois de vários oradores se terem manifestado contra ela e da direcção da Associação de Classe ter lido uma representação a entregar ao Parlamento, foi eleita uma comissão encarregada de a ampliar, de acordo com a direcção, e tomando para base do seu trabalho vários alvites apresentados pelos assistentes e aprovados pela assembleia.

**Manipuladores de Pão.** — Reuniu a direcção, que se ocupou de diversos assuntos de interesse para a classe, rejeitando-se pela forma como se está associando para defender os seus interesses, que tam ameaçados se encontram. Esta direcção vai dentro em breves dias convocar a classe a uma reunião para trabalhos que muito a interessam.

## CONVOCAÇÕES

**Federação do Livro e do Jornal.** — Refine hoje, pelas 21 horas, o Secretariado desta Federação, para assunto urgente.

**Sindicato Unico da Construção Civil.** — Comissão de Melhoramentos. — A comissão de negociações já entrevistou o ministro do comércio e director geral das obras públicas, com quem tratou da imediata efectivação das tarefas nas obras do Estado. Para o mesmo fim vai a comissão hoje procurar o presidente do ministério, a fim de tratar do assunto acima indicado.

Por este meio se previne o camarada João Gomes que deve estar no ministério do comércio pelas 11 horas de hoje, a fim de se dar complemento à nossa missão.

**Operários Alfaiates.** — Reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para tratar do caso Joaquim de Almeida e outros assuntos de interesse para a classe. E de esperar que todos os sócios compareçam a esta assembleia, colocando assim, acima de tudo, os interesses superiores do nosso sindicato, que são os da classe em geral.

**Pessoal da Companhia Carris de Ferro.** — Refine hoje esta classe, em assembleia magna, pelas 20 horas prefixas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Tomar conhecimento das últimas demarções efectuadas pela comissão de melhoramentos e tratar de outro assunto de interesse colectivo. Pede-se a comparencia de todos os camaradas, pois o momento que estamos atravessando é de veras angustioso, sendo portanto preciso solidariedade e persistência para que possamos transportar todos os obstáculos que nos apareçam.

**Sindicato Unico Metalúrgico.** — Para tratar do tam necessário aumento da cota sindical, realiza-se amanhã a assembleia geral deste sindicato.

**Impressores Tipográficos.** — Reúnem hoje, pelas 21 horas, a direcção para assunto importante. Pede-se a comparencia do camarada Homero Ramalhal.

# Desastres

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, onde foi conduzido um automóvel da Cruz Vermelha, deu ontem entrada Estevam da Costa, de 8 anos, filho de Manuel da Costa e de Delfina da Conceição, morador no Casal de Vale das Mães, freguesia de Olival-concelho de Alenquer, que andando a brincar com seus irmãos numa propriedade que sen pai traz de renda, caiu, fracturando a perna direita.

Num automóvel da Cruz Vermelha também foi conduzida ao hospital de São José onde recebeu curativo no braço, seguindo depois para casa, Berta Maria dos Santos, de 34 anos, doméstica, residente no Campo de Santa Clara, e que na residência ficou muito queimada num braço com água fervente.

Deu ontem entrada no quarto particular n.º 2 do hospital de São José, o conhecido corredor Inocência Pinto, de 32 anos, residente em Moscavide, que tendo ido ontem treinar-se no *Stadium*, ao Campo Grande, quando ali, próximo de um declive observava as manobras de uma moto de um outro corredor, esta desviou-se do caminho que devia seguir e veio colhel-o, fracturando-lhe a perna direita pelo terço inferior.

— José Ferreira, de 20 anos, solteiro, pedreiro, residente na rua Maria Pia, 224, r/c, conservava em sua casa, como recordação de seu falecido pai, Henriques Ferreira, uma espingarda antiga de carregamento na coia onde há tempo havia metido uma porção de pólvora e chumbo.

Ontem, sem sem se lembrar que ainda não havia tirado a carga, colocou a mão direita a tapar a boca do cano deu ao gatilho, disparando-se a arma, que lhe fez um grande ferimento.

Conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, foi no banco operado pelos Drs. Durão e Abel de Carvalho dando em seguida entrada na enfermaria de Santo António.

Manuel Ramos de 20 anos, motociclista, residente na rua Santa Bárbara, 33, 2.º, encontrava-se ontem com a moto para alugar na Praça de Camões quando dois indivíduos ao tomarem lugar na sidewalk, para os transportar ao Campo Grande.

Saindo do seu posto o Ramos devido a qualquer desarranjo subiu no motor, não pôde a tempo desviar-se de dois eléctricos que em sentido contrário por ali passavam, ficando com a máquina enlaidada, entre eles, resultando esta ficar muito danificada, e o Ramos ferido no pé direito saindo incólume os 2 passageiros.

Conduzido ao hospital de São José, foi ali pensado, seguindo depois ao posto do teatro Nacional.

**Agressões da autoridade**

Hoje, pela manhã e melhoras, quando quatro operários, passavam a Travessa da Boa Hora, dirigindo-se para casa, um cabo, acompanhado dum guarda e dum paisano, perguntou-lhes para onde se dirigiam.

Respondendo os referidos operários que iam para casa. Pois, sem mais nem menos, o referido cabo sacou da espada e agrediu os dois, Abel Cardozo, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Escusado será pôrmos comentários, visto ser o caso frequente e não estamos nos para lhes dar uma satisfação de lhes chamar nomes feio.

# A BATALHA ÚLTIMAS NOTÍCIAS

## A guerra vermelha

**Os socialistas independentes alemães aconselham o povo a manter a neutralidade da Alemanha**

BERLIM, 25. — O jornal *Freiheit* publica um apelo do Comité dos Socialistas Independentes, incitando os operários alemães a vigiar cuidadosamente para que seja mantida a estrita neutralidade da Alemanha na guerra russo-polaca. Este apelo tem agora razão de ser, motivado pelos preparativos militares dos aliados tendentes a ajudar a Polónia e que pretendiam prejudicar a neutralidade alemã. A Alemanha não será mais o campo de novas guerras, feitas pela santa aliança do capitalismo contra os soviets russos.

As armas entregues pela Alemanha não devem ser entregues aos polacos, como Lloyd George ameaçou fazer, mas os operários devem identicamente precaver-se contra os perigos da contra-revolução russa e dos seus amigos alemães.

O apelo marca diferenças sobre se o governo alemão terá força para manter o decreto da sua neutralidade e incita os operários a congregarem imediatamente comícios de protesto. — *Rádio.*

**Os polacos retomaram Grodno**

PARIS, 25. — O comunicado polaco de 24 de julho anuncia que depois dum violenta luta, os destacamentos polacos ocuparam os fortes de Grodno, situação na margem sul de Niemen. Os bolchevistas evacuaram a cidade e deixaram nas mãos dos polacos duas peças de artilharia pesada e numerosos prisioneiros. — *Rádio.*

**Os soviets vão discutir as condições do armistício**

PARIS, 25. — O governo dos soviets deu ordem ao comandante supremo do exército bolchevista para suspender as operações militares e de discutir com o comandante polaco as condições do armistício. — *Rádio.*

## A ferro e fogo

**Parce ser a forma dos «sinn-feiners» se fazerem ouvir**

LONDRES, 25. — Lloyd George e todos os membros do gabinete britânico reúnem-se ontem durante longas horas em conselho, discutindo largamente e tomando em séria consideração a situação na Irlanda. As novas propostas dos «sinn-feiners» vão ser tomadas em consideração.

O primeiro ministro respondeu ontem de tarde à nota da deputação do Congresso trabalhista, a qual recordava que a política inglesa está seriamente ameaçada, a não ser que o governo retire tropas da Irlanda.

Os principais pontos da resposta de Lloyd George são que os «sinn-feiners» não desejam uma pronta discussão para a solução da questão irlandesa. A resposta diz ainda que, se as duas condições (que são não haver sucessão e uma determinação especial para o Ulster) o ministério está preparado para discutir qualquer plano dum governo para a Irlanda. — *Rádio.*

## EM ESPANHA

**Um desfalece de 12.000 duros num município**

MADRID, 25. — No município desta capital descobriu-se um desfalece de 12.000 duros. — *Rádio.*

## Em França

**Telegramas-reclame...** — Tanta riqueza e o povo na miséria!

PARIS, 25. — A riqueza do solo francês, abundância determinou por consequência, que o preço da vida melhor consideravelmente. Eis qual a actual situação da França:

Antes da guerra a terra consumia em adubos azotados 300.000 toneladas de nitrato de soda, 100.000 toneladas de

podem afirmar os meus colegas de oficina e o próprio patrão. Aparecem agora os illustres agentes da Segurança do Estado dizendo que descobriam o autor dum atentado — que repito, não houve, como já se disse quando da prisão de não sei quantos indivíduos acusados de tal. Vê-se, pois, que a vingança não para, e tende a policia a certeza de que pelo crime que aqui estou preso, nada conseguem, porque não será difícil demonstrar a minha inocência, que agora ver se conseguem fazer crer que sou culpado de um outro atentado, que eles sabem não existir e a que, portanto sou por completo alheio. Não importa, jáerei de novo espancado! Não sei, mas se o for não me calarei. Pode a policia ir usando de processos assim tam baixos que isso me não aflije, porque tenho a certeza que um dia virá, e não longe, em que me será feita justiça e tais processos de arranjar criminosos serão postos de parte porque a isso se oporá a massa trabalhadora. — *João Ferreira.*

N. B. — Dizem os jornais que fui para o Governo Civil, o que é completamente falso, pois nem sequer aqui fui interrogado. — *J. F.*

## Rendimentos dos operários

Do banco do hospital de S. José, foi conduzido num automóvel da Cruz Vermelha, Joaquim de Sousa, de 12 anos, natural do Rio de Moynhos, concelho de Abrantes, filho de António de Sousa e de Conceição de Jesus, residente na Azambuja, que na ocasião em que ajudava seu pai a carregar de lenha uma embarcação foi colhido por um madeiro que lhe esmagou o pé esquerdo.

Depois de operado pelo cirurgião de serviço dr. Sr. Medeiros de Almeida, recolheu à enfermaria de Santo António.

Na enfermaria de Santo António do hospital de S. José, onde foi transportado num automóvel da Cruz Vermelha, deu entrada Guilherme Malveira, de 21 anos, jornalista e residente em Beja, que ali foi colhido pela carroça de que era condutor, fazendo um grande ferimento na cabeça.

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo João Martins Ferreira, de 17 anos, residente na rua dos Alamos, 23, 1.º, que no Salão Lisboa (à Guia), entalou a mão esquerda na engrenagem de uma máquina cinematográfica, ficando com um dos dedos esmagados, o qual lhe foi amputado pelos Drs. Medeiros de Almeida e Rodarte de Almeida. Seguiu depois para casa.

Os automóveis da Cruz Vermelha conduziram ontem ao hospital de S. José, António Rodrigues, de 56 anos, solteiro, operário da fábrica de lanifícios na Arrentela, que ali deu uma queda da fracturando a perna direita, pelo que recolheu à enfermaria de Santo António.

Na enfermaria 9 do hospital de S. José, faleceu ontem o marítimo John, de cor, que, como noticiamos, deu uma queda a bordo do vapor *Quelimane*, no dia 20 último.

## A fantástica bomba

De João Ferreira, actualmente preso no Limoeiro, recebemos a carta que abaixo publicamos, na qual se defende da acusação que sobre ele incide de ter lançado a tal bomba que ninguém ouviu, a qual noutro lugar nos referimos. Eis a carta:

«Camarada: — Deveras surpreendido com uma notícia inserida nos jornais *Diário de Notícias* e *O Século*, a qual diz que fui eu que dei a bomba na rua do Bemfornoso, quando das últimas greves, bomba que matou um soldado da G. N. R., venho escrever-lhe, para que faça público no jornal que dirige, a minha estranheza por tal notícia, que é de veras tendenciosa, porquanto não fui eu, e creio que, mesmo ninguém atirou a bomba, pois segundo informações, bomba alguma rebentou na rua do Bemfornoso, e se o soldado morreu, foi porque os seus colegas, ao dispersarem a doida, como é seu costume, o mataram com um tiro. Por um mequinho espírito de vingança, pretendo agora a policia dizer que fui eu quem dei a bomba que ninguém viu nem ouviu rebentar, dizendo também que fugi para o Porto, afirmação esta de veras infantil, pois que, com testemunhas posso provar que, quando acabou a greve do meu Sindicato, o da Indústria do Mobiliário, fui logo trabalhar, como

# ABATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

## SANTAREM, 20.

**O Ceireiro tem um lucro de 14 contos — A carestia e o desinteresse do operariado**

O Ceireiro de Santarem, que, como todos os outros, foi criado para beneficiar o povo, em nada o tem beneficiado como prova o seu engrandecimento, mugindo-se depois das conts fechadas se apurou um ganho de *catore* contos!

Já se vê que quem padecia com este lucro foram os pobres. Não faz mal, vamos a ver se assim os operários abrem os olhos. Se nos chamamos criminosos e ladrão, ao comerciante que paga contribuições e a empregados, que tivemos de chamar aos senhores do Ceireiro? Foi este criado para vender os géneros baratos, tirando apenas uma pequena percentagem para despesa e tira um lucro de 1400 contos! O mesmo acontecia com os outros géneros, farinha, por exemplo, de cada vez que era requisitada levava um preço.

Houve ontem quem ao saber da importância do lucro fizesse uma placarda, com o respeito do soldo e os afianças em diferentes pontos.

A autoridade tratou de arrancá-lo, o que é natural, visto que ela não gosta que as verdadeiras causas sejam expostas.

No entanto, a classe trabalhadora calense, parecendo achar bem todas as vilanias que aqui se praticam.

Houve quem se tem passado com o peixe é medonho.

O carapau custa 870, cada quilo, a sardinha é tam pequena como folhas de oliveira, e os outros peixes são mais baratos que as ordinárias que não se podem tragar.

E não sabemos por que espera o operariado.

— O pão continua como de costume. Pagar-lhe não que já perderam a tabela, vendendo ao preço que lhes apetece. Ainda dizem os padeiros nos freguezes que *leem* não dão lucro e quem *lê*er precisa que se vá embora.

— Os novos corpos gerentes da Fraternidade Operária eleitos em março ainda não tomaram posse.

Bem se vê que o operariado não cuida dos seus interesses.

## OLHÃO, 22.

**Reclamações corporativas — O medo à organização operária — O procedimento da «Gazeta» — Várias**

Como dissemos, reclamou a classe dos trabalhadores mais 100 por cento sobre os salários actuais. Após 8 dias da entrega das reclamações, reuniu a classe para apreciar a resposta dos industriais das fábricas de conservas e, vendo que ela não era satisfatória, officiou-lhes de novo tendo eles também respondido.

Então a classe, para evitar qualquer conflito deliberou aceitar os 15 centavos de aumento por cada cento de latas, oferecido pelos industriais. Foi uma vitória para a classe dos operários soldados, embora não tivesse sido o que devia ser. Mas uma vez esta classe se mostrou digna da consideração dos outros e vários objectos da organização operária. Oxalá assim seja sempre.

— A classe dos trabalhadores das fábricas de conservas encontra-se, a hora em que escrevemos, muito agitada por não ser atendida nas suas justas reclamações. E isto devido à pouca consciência e falta de solidariedade existente, infelizmente na maioria dos seus associados, sendo por isso que os industriais brincam com a sua miséria. Mas cuidado... cuidadinho! Muito cuidado com o fogo, abutres negros, porque podem queimar.

— Os industriais e as fábricas de conservas são uns pândegos, evidentemente. Como lhes constasse que os milhares das fábricas de conservas estavam a abandonar a cidade, aconselhando-a a abandonar semelhante ideia de se organizarem.

Hipócritas e vigaristas que de todos os meios lançam mão.

Mas não se cansem porque não perdem com a sua miséria.

— Vamos hoje explicar um pouco detalhadamente a existência dum camaleão qualquer que para aqui existe, intitulado *A Gazeta de Olhão*, que se diz defensor dos interesses locais.

Este semáforo, que poucos meses comete de existência, e propriedade dos Drs. Vitalino e Gomes, também se diz defensor dum animador que aqui existe.

Quem, porém, não foi muito ingenuo, compreenderá e verá que este que se intitula *Gazeta* trata de fazer o rosto a máscara da hipocrisia, querendo sempre dar-se bem com Deus e com o Diabo.

Raro é o homem que não se deixe levar de fundo pelos olhos do jornal *A Epoca* em que exorta os cidadãos a amar a pátria e... as batatas, explicando o que é a santa religião católica, apostólica, romana e outras coisas de igual teor. Ora não nada nos importamos com este facto, se não fosse de vez em quando a *menina Gazeta* lançar a sua insinuação.

Deixamos a *Gazeta* continua a sua... propaganda, se não fosse ela inutilizar-se de dentro dos interesses locais e só por eles pugnar defendendo a sua existência.

— O meteorologista ou o pedreiro em coisas que não lhe dizem respeito. Pois senhores da «Gazeta», falhou o vosso plano... matou-se a *Gazeta*, pois não se pode fazer o que se quer, porque isso para cá já não se dá.

Com que então não ligais importância à *Batalha*? Com que então... Mas basta. É simples. Não se pode fazer o que se quer. Se há localidades onde a pobreza abunda, esta é uma delas. As entidades competentes a quem compete olhar para toda esta situação, mais parece um chiqueiro para porcos do que uma localidade onde existem criaturas humanas, só se importam em discutir politica e contrariar as justas reclamações dos trabalhadores. Mas não há dias com os nossos camaradas varredores e encroscados da câmara. Mas importem-se eles com estas coisas, para quê? Se esta sociedade que para ali está, em todos os bocados em completa decomposição. — C.

## OS QUE MORREM

**FUNERAIS**

Realizam-se hoje os seguintes funerais da sr.ª D. Maria Rosa Mendes, às 17, do hospital do Rego; do sr. Manuel dos Santos, às 18, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 19, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 20, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 21, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 22, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 23, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 24, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 25, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 26, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 27, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 28, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 29, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 30, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 31, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 32, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 33, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 34, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 35, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 36, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 37, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 38, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 39, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 40, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 41, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 42, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 43, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 44, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 45, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 46, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 47, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 48, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 49, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 50, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 51, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 52, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 53, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 54, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 55, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 56, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 57, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 58, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 59, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 60, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 61, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 62, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 63, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 64, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 65, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 66, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 67, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 68, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 69, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 70, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 71, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 72, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 73, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 74, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 75, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 76, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 77, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 78, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 79, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 80, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 81, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 82, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 83, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 84, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 85, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 86, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 87, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 88, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 89, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 90, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 91, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 92, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 93, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 94, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 95, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 96, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 97, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 98, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 99, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 100, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 101, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 102, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 103, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 104, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 105, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 106, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 107, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 108, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 109, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 110, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 111, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 112, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 113, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 114, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 115, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 116, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 117, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 118, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 119, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 120, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 121, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 122, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 123, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 124, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 125, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 126, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 127, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 128, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 129, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 130, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 131, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 132, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 133, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 134, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 135, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 136, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 137, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 138, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 139, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 140, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 141, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 142, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 143, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 144, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 145, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 146, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 147, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 148, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 149, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 150, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 151, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 152, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 153, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 154, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 155, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 156, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 157, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 158, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 159, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 160, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 161, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 162, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 163, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 164, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 165, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 166, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 167, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 168, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 169, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 170, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 171, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 172, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 173, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 174, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 175, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 176, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 177, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 178, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 179, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 180, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 181, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 182, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 183, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 184, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 185, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 186, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 187, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 188, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 189, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 190, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 191, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 192, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 193, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 194, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 195, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 196, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 197, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 198, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 199, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 200, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 201, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 202, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 203, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 204, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 205, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 206, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 207, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 208, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 209, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 210, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 211, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 212, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 213, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 214, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 215, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 216, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 217, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 218, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 219, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 220, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 221, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 222, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 223, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 224, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 225, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 226, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 227, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 228, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 229, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 230, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 231, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 232, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 233, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 234, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 235, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 236, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 237, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 238, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 239, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 240, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 241, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 242, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 243, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 244, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 245, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 246, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 247, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 248, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 249, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 250, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 251, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 252, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 253, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 254, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 255, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 256, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 257, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 258, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 259, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 260, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 261, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 262, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 263, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 264, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 265, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 266, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 267, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 268, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 269, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 270, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 271, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 272, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 273, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 274, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 275, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 276, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 277, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 278, do hospital de São José; do sr. João da Silva, às 279, do hospital de São José; do sr. João da Silva







# Oporto Oil Company

(EM ORGANIZAÇÃO)

S. A. R. L.

**CAPITAL 10.000 contos, podendo ser elevado a 100.000**

(Emissões em séries de 5.000)

**Séde provisoria:**

**Rua de Belomonte, 73.**

**PORTO**

**End. telegrafico:**

**CARBURO**

**PORTO**

**REFERENCIAS:**

**BANCO NACIONAL ULTRAMARINO**

**Nossos banqueiros e acionistas**

Em vista do acolhimento que temos tido, resolvemos que o capital pudessem ser elevado a 100.000 contos.

Importação e Exportação

Os lucros ficam no País.

Navios proprios.  
Edificios proprios.  
Delagações no estrangeiro.  
Agencias em todo o país, ilhas e colonias.

**Importadores de Petroleo, Gazolina, Oleos Lubrificantes, Drogas e Produtos Quimicos, Ferro e todos os metais**

**Exportadores de todos os produtos continentais e coloniais.**

Tendo chegado ao nosso conhecimento que, em varios pontos do país e especialmente em Lisboa, muitas pessoas desejam ainda fazer a sua inscrição; sendo-nos manifestado pelos nossos correspondentes a impossibilidade material de tempo para percorrerem a provincia nos curtos prazos que fixamos e não desejando esta Companhia que os interessados nas materias a explorar e aqueles que com simpatia veem a criação da nossa empresa como uma necessidade nacional, deixem de fazer parte da mesma como seus accionistas ou como seus futuros clientes, resolveu abrir a

**Subscrição ao publico:**

**Sómente para 30.000 accções de 100\$00 cada uma**

**(Sujeito a rateio)**

Os accionistas terão direito a dividendo por duas formas:

0 1.º na proporção das compras que tenham efectuado na Companhia.

0 2.º na proporção do capital que representarem como accionistas, ficando a estes garantido um dividendo nunca inferior a 6 0/0 ao ano.

A subscrição ao publico está aberta:

**Hoje e dias seguintes**

Com encerramento no proximo

**Sabado, 31 do corrente**

(Depois deste dia não tem lugar qualquer pedido de inscrição)

**EM LISBOA:**

Rua da Madalena, 48, 1.º

Ex.º Sr. Alvaro Lavandeira,  
Telef. C. 3995

Rua de S. Nicolau, 50 e 52

Ex.ºs Srs. Costa & Coelho, antiga firma  
José da Costa & C.ª Suc. Telef. C. 3º02

**NO PORTO:**

Rua Infante D. Henrique, 31, 1.º

Ex.º Sr. Alberto Magalhães,  
Telef. 949

Rua de Belomonte, 73

Séde provisoria da Oporto  
Oil Company

**Fórma de pagamento:**

No acto da subscrição ..... 25\$00

Em 16 de Agosto ..... 25\$00

Em 15 de Setembro ..... 50\$00

Total ..... 100\$00

**As pessoas da p.ª ovincia que desejem subscrever-se, queiram ter a bondade de dirigir os seus pedidos pelo correio, directamente, á séde provisoria da OPORTO OIL COMPANY**

**RUA DE BELOMONTE, 73 - PORTO**